



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## A religião enquanto dimensão social e teológica

the religion as a social and theological dimension

*Gilson Xavier de Azevedo\**

Doutorando em Ciências da Religião (PUC-Goiás) Bolsista FAPEG

*Simone Maria Zanotto\*\**

Licenciada em Letras (UEG)

Licenciada em filosofia (FAEME)

Bacharel em Teologia (Mackenzie)

*Jovani Paim Freire\*\*\**

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia

(Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Passos – MG)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo considerar alguns breves aspectos da religião enquanto elemento de análise social sob a perspectiva de Peter Berg, de modo a se buscar compreender o que de teólogo tem a sociedade e o que de social tem a teologia. Serão considerados então os aspectos sociológicos da religião relatando suas funções para com os indivíduos da Sociedade, as formas como as atividades religiosas se organizam e a relação da religião com a estrutura e mudança social.

### Palavras-chave

Religião. Teologia. Sociologia.

### Abstract

\* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014-2016-BOLSISTA FAPEG). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014 - BOLSISTA FAPEG). Filósofo (Dom Felício, 1998/FAEME, 2007), Pedagogo (UVA-ACARAÚ, 2004) e Teólogo (FAETEL, 2002/MACKENZIE, 2006), Pós-graduado em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica (UVA-RJ, 2006), Ética e cidadania (UFG, 2012) e Filosofia Clínica (Inst. Packter/PUC, 2013). Professor Titular de Filosofia do Direito e Filosofia Empresarial pela FAQUI (2006-12); Ex-Coordenador do curso de Pedagogia da UEG Quirinópolis (2011-12). (gilsoneduc@yahoo.com.br).

\*\* Licenciada em Letras (UEG)/ Licenciada em filosofia (FAEME), Bacharel em Teologia (Mackenzie), Especialista em Administração escolar e coordenação pedagógica (Veiga de Almeida); Especialista em Ensino da Língua Portuguesa (Gama Filho) (simonezanotto@yahoo.com.br).

\*\*\* Graduação em Enfermagem e Obstetrícia (Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Passos – MG, 1992). Curso de Pós-Graduação – Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde em Enfermagem (Departamento de Enfermagem da UNB-EAD/FIOCRUZ). Especialização em Psicossomática (ICEP –SP). Especialização em Bioética (UNB). Especialização em Terapia Sistêmica – Constelação Familiar - segundo Bert Hellinger. Atuou na SUGETES – Subsecretaria de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde/SES-DF e CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (joverom@gmail.com).

This article aims to briefly consider some aspects of religion as an element of social analysis from the perspective of Peter Berg, in order to try to understand what of theological has the society and what of social has the theology. The sociological aspects of religion reporting duties towards individuals of society, the ways in which religious activities are organized and the relationship of religion to the structure and social change will then be considered.

### Keywords

Religion. Theology. Sociology.

## Considerações Iniciais

Ao emprendermos nossa pesquisa pelas escolas sociológicas necessário nos é delimitarmos os caminhos que percorreremos. Hegel e Marx, nas escolas sociológicas tiveram um papel pioneiro e preponderante. O marxismo, movimento de idéias filosóficas, mas também econômico, político e sociais; nascem no século XIX, da confluência e do materialismo e da ciência natural com o socialismo francês, penetrada e animada pelo espírito dialético de Hegel <sup>1</sup>. Marx nasceu em 1818 e em 1836 ingressa na Universidade de Berlim, a capital da Prússia <sup>2</sup>. O governo da época (1795-1861) anunciara a abertura política abrindo fogo contra a enfraquecida instituição eclesiástica. A esquerda hegeliana elaborou uma crítica a partir de seu próprio sistema, separando o método revolucionário do reacionário. Strauss, Bauer, Hess e Stirner foram os pensadores que mais influenciaram o debate entre socialismo e anarquismo. Feuerbach foi talvez o grande aglutinador na crítica a religião.

Marx nasceu judeu e educado nos padrões cristãos protestantes, tornou-se ateu defendendo em 1841 a tese do materialismo epicurista e democritoniano. Marx entra em contato com a questão social quando se torna chefe de redação de um jornal em colônia. Contudo, o jornal acabou sendo fechado pela censura. Marx casa-se na Igreja luterana, sendo que sua esposa o ajudava na datilografia e correção dos textos. Em 1843, foi para Paris e recebia auxílio da Alemã: era um perfeito burguês. Fez em Paris algumas amizades importantes, despertando-se ainda mais para a miséria do proletariado industrial, embora ele mesmo nunca tenha sido proletário. Iniciou uma longa amizade com Engels, dedicando-se a economia política. Tornou-se ainda socialista e comunista. Em 45 deixou Paris, passando a residir em Bruxelas. Aí escreveu dois livros importantes: A sagrada família e a ideologia alemã. Escreve ainda a miséria da filosofia e o manifesto comunista. Quando foi expulso da Bélgica volta a Alemanha e em 48 é novamente expulso e vai para

---

<sup>1</sup> "A teoria de Marx é um verdadeiro herdeiro do que de melhor produziu a humanidade do século XIX, na forma da filosofia alemã, na economia política inglesa e do socialismo francês", pelo menos é o que afirma Lenin. ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 121.

<sup>2</sup> Na Prússia a filosofia de Hegel era uma espécie de ideologia especial que encarnava ideais da moral, mais objetivos, manifestando a razão no domínio da vida social.

Londres, onde permanece o fim de sua vida. Escreve o capital publicando o primeiro volume em 1867.

Antes de ser comunista, Marx, já era ateu. A sua atitude anti-capitalista não foi pré-suposto mais confirmação. O ateísmo materialista tornou-se simples evidência no decorrer dos anos. A inteligência de Marx fez do ateísmo o fundamento e ideologia para o socialismo até hoje. Ele sempre apostou no ateísmo, sendo que seu novo humanismo. Era ateísmo e comunismo ao mesmo tempo, sendo que, o ateísmo é o humanismo pela superação da religião e o comunismo é o humanismo pela superação da propriedade privada<sup>3</sup>. O caminho eficiente que o materialismo encontrou foi a dialética herdada de Hegel. Com ele Marx entende que a essência social do homem, a significação do fator trabalho para auto-comprensão e o reconhecimento da alienação aceitou de Hegel o caráter totalizante e totalitário do sistema, porém Marx rejeita o idealismo do sistema hegeliano substituindo pelo materialismo.

No conceber de Marx a filosofia não é senão a religião formulada em pensamento e realizado de forma pensante. A dialética é o veículo para a interpretação histórica do sujeito. Tais pensamentos são herdados de Feuerbach. Ao contrário de Hegel não quer apenas intender o processo histórico, mas transformá-lo; e o critica ainda por se refugir no pensamento abstrato. Para Marx o que faltou a Hegel foi a PRÁXIS como atitude revolucionária. O homem concreto não é consciência mas uma tríade de ser, matéria e corpo. Seu mundo é o mundo concreto das relações sociais. Seu trabalho é a autoprodução da independência num processo de trabalho. A superação da alienação não se realiza só no pensamento, mas também na vida prática da sociedade. Para Marx seu método dialético é sua própria antítese transformando em sujeito autônomo o que é um demiurgo real. A dialética da existência desenvolve-se no plano prático das necessidades materiais do homem e não no plano teórico. Marx entende que a sociedade capitalista gerou a burguesia e o proletariado e ele queria criar a sociedade perfeita com a revolução comunista. Sem a exploração a alienação cessará. Quanto a religião e a crítica religiosa de Marx se opõe a Hegel, concorda com Feuerbach, aceitando dele a crítica religiosa que conclui na Alemanha. Para Marx o ateísmo é um postulado evidente e Deus não passa de uma projeção do homem. E não examinado qualquer possibilidade de outra hipótese afirma que o homem cria a religião.

### O "antropomarxismo"

Prosseguindo com os parâmetros de Marx e Feuerbach, aquele considera o materialismo deste é um tanto contemplativo; Marx critica Feuerbach pela carência de dimensão social do homem que ele considera um conjunto das relações sociais. Segundo Marx, Feuerbach concebe o homem com uma espécie negligenciando seu contexto social.

---

<sup>3</sup> ZILLES, 1991, p. 123.

Feuerbach isolara o indivíduo de maneira abstrata na história e Marx o situa dentro das necessidades sociais, critica o materialismo por conceber o objeto, a realidade na perspectiva contemplativa e não a atividade da práxis. Marx analisa a emancipação humana como questão social. Apela a classe operaria para a luta política das classes para que o proletário não continue sendo explorado pela burguesia.

Em 1844, Marx iniciou sua crítica a filosofia estatal de Hegel. A religião aliena o homem e a alienação religiosa deve ser esclarecida pela situação histórico social. A religião é a expressão da alienação do homem e não seu fundamento, contudo a essência da alienação se encontra no contexto econômico num tipo de relações de produções geradas no mundo capitalista. Destruindo essa estrutura a religião, que é seu meio manipulador que é a religião. A ideia de Deus é resultado de uma economia alienante. A religião é um aroma da sociedade alienada. O protesto de Marx contra este mundo alienado não surte efeitos por que propõe uma solução. A libertação que a religião trás é real e imaginária. **É o ópio do povo hipnotizando o homem.** A religião é uma maneira da existência humana, substancialmente falsa que nasce da convivência perturbada dos homens. Preciso destruir o mundo que gera a religião. Contudo, ela não é simples invenção de sacerdotes, mas manifestação da humanidade sofredora em busca de consolo; como canta Osvaldo Montenegro "e vida de gado, povo marcado, povo feliz".

Marx conclui que a religião é o reflexo espiritual da miséria real do homem numa sociedade opressora, a superação da religião não se dará apenas pela crítica intelectual. Para eliminara a alienação é preciso eliminar todas as condições de miséria que originam e a inspiração se dá pela práxis, como mencionamos. Do ponto de vista comum, a alienação religiosa nasce na divisão do trabalho, na sociedade capitalista os meios de produção se tornaram propriedade privada. Pelo trabalho os operários recebem o preço. Eles só tem o trabalho para vender. Contudo, este é menor que o produto, já que o proprietário retém para si **a mais valia.**

O que importa é que o homem assuma ele mesmo a transformação social e as forças estranhas desapareçam, esta se refere a religião. Com o advento da cosmovisão marxista, a religião que era o ópio do povo se torna ópio para o povo. Mesmo a luta de classes estando no primeiro plano, Lenin rejeitou a religião e chegou a perseguição que teve seu auge em Stalin. Marx radicalizou o ateísmo de Feuerbach e polêmica com a teologia da religião.

### **Crítica a crítica de Marx**

O marxismo se baseia na miséria da humanidade e de sua necessidade de libertação, proclamando uma sociedade que luta contra o capitalismo que tem por Deus o capital. A proposição era terminar a exploração do homem pelo homem. Superar a divisão do trabalho, a propriedade privada dos meios de produção mediante a ditadura do

proletariado. Sua Crítica religiosa deve ser vista como ideológica do cristianismo burguês de sua época. Para Marx ideologia é mentira e engano intencionado. As verdades eternas não são meios de libertação. Em sua análise, Marx parte quase exclusivamente do cristianismo burguês. A religião é apenas aspecto da ideologia das relações de produção.

Ateísmo e questão social são lembranças do tratado marxista. Pelo vínculo histórico da religião com as relações de produção, vê-se que a igreja estava vinculada a poderosas forças contrárias ao progresso e à liberdade e que o cristianismo sempre como seu inimigo. O ateísmo de Marx é na verdade uma aposta. Quem aposta deseja seu desejo. A indiscutível influência dos fatores psicológicos sobre a religião e o conceito de Deus não permitem concluir a existência ou a inexistência de Deus. É certo que o homem pensa Deus, forma imagens e conceitos. O ateísmo não mais é uma hipótese; no entanto Marx nunca estudou a fundo a religião e nunca conheceu a fundo o homem. As análises científicas de Marx foram como vimos influenciadas pela ideologia revolucionária. Embora o homem pense em Deus, este não é fruto do pensamento humano, não é obra do homem. Na realidade Marx era mestre em crítica destrutiva e medíocre na construtiva, vê o mal só fora do homem e não percebe a alienação ontológica como fundamento das demais. A religião e a Igreja foram objetos de terror do partido da repressão. Impôs-se a educação atea nas escolas; o ateísmo é matéria obrigatória nas escolas e o ateísmo se impôs à doutrina religiosa. É preciso ver que o fato de tantos cristãos serem marxistas, não significa uma necessária contradição, pois a luta histórica pelos direitos trabalhistas tomaram novas formas e lideranças. Hoje os marxistas divergem nas interpretações de Marx. Qualquer diálogo mais sério deve exigir reexame do ateísmo como doutrina partidária, o que parece iniciar com a *perestroika* de Gorbachev.

Sem dúvida é ora do empenho social dos cristãos. É hora de acordar e agir. A reserva crítica ao marxismo não deve significar aprovação do Capitalismo. Para o Cristão há diversas opções possíveis como a luta de classes, violência, terror, paz, justiça, não precisa da autoridade de Marx. Pois tem a de Cristo. O marxismo dogmático carece de respostas convincentes para questões como o sentido da vida. O sentido da sociedade como progresso, socialização, humanização sociedade sem classes certamente não satisfaz nem tão pouco substitui a questão do sentido para a pessoa individual.

O marxismo ortodoxo ainda está fundado infalivelmente ao dogma do ateísmo. Esse dogma é condição para o programa da maioria dos partidos comunistas hoje. Tudo isso não dispensa o argumento da práxis. Racionalmente poder-se-á provar que a essência da religião não é ser ópio do povo. Tais argumentos não convencem sem a práxis. Nas confrontações de fé religiosa e cosmovisão atea. A tese de Marx de que a religião procede dos fracos não fecha a questão, pois perseguir a religião não instigará os problemas sociais. A teologia poderá argumentar que hoje o Cristianismo luta pela dignidade do homem todo e de todos os homens, mas há de reconhecer que os limites da ciência em relação a questão do sentido da existência humana.

Apesar das críticas hoje o marxismo exerce uma força sedutora muito bem transmitido pelo filme *Celebração dos Anjos*, onde Doroty Day, uma marxista revolucionária, toma contato com a força do Evangelho sem deixar de ser revolucionária. Essa sedução mítica de um messianismo libertador também é percebida no judaísmo, desde seus primórdios. Os cristãos criticam o marxismo, não por seu humanismo, mas por seu humanismo mutilado.

Feuerbach e Marx significam uma modificação e ruptura profunda entre cristianismo e tradição cultural instaurando um humanismo superteológico baseado em Lutero e um outro humanismo ateu. Se de um lado se busca a salvação pela fé de outro se busca a salvação pela cultura. A crise do mundo moderno é antes de tudo crise de humanismo provocado pela ruptura entre religião e cultura. Assim o cristianismo deixa de ser religião para ser apenas cultura.

A filosofia nunca é independente do contexto cultural e social que emerge. Percebemos problemas novos, mas nunca de uma vez, pois nossas perguntas surgem em situações completas e buscamos responder em situações determinadas. Tal relativo nos caracteriza como seres finitos. Mas se a maneira possíveis de entender a religião são muitas e nenhuma tem a garantia de ser a verdade definitiva, a religião não é apenas questão teórica.

### **Outros aspectos sociológicos da religião**

Consideraremos nesta parte os aspectos sociológicos da religião relatando suas funções para com os indivíduos da Sociedade, as formas como as atividades religiosas se organizam e a relação da religião com a estrutura e mudança social. Segundo E. Durkheim: a religião consiste num sistema de crenças e práticas no qual, as pessoas agem de certos modos devido à crença em algumas coisas e não o inverso.<sup>4</sup> Portanto, não podemos deixar de examinar as crenças religiosas do tratamento sociológico da questão, no entanto devemos ter em mente que a verdade ou não das crenças religiosas não é matéria de análise sociológica. O que é sociologicamente importante não é a verdade ou falsidade da crença, mas as suas consequências sociais<sup>5</sup>.

Na sociedade temos o ritual religioso e também o ritual mágico para aliviar a sociedade e elevar a moral das pessoas. Consideramos a religião em quatro competências que lhe são próprias: As coisas que a religião pode realizar; os efeitos que pode gerar; os desejos e necessidade a que pode servir. Em primeiro lugar temos os aspectos

---

<sup>4</sup> GOLDTHORPE, J. E. *Sociologia e Antropologia Social: Uma Introdução*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 221.

<sup>5</sup> Como exemplo temos um ponto em comum entre cristãos e muçulmanos que afirmam a existência de um único Deus; para um sociólogo o que é importante é descrever as ligações que possam ser apuradas entre a crença e as ações daqueles que crêem. De que modo isso afeta a relação entre cristãos e muçulmanos por um lado, e os adeptos das religiões pagãs, sendo politeístas, por outro lado ?

cosmológicos, ou seja, a capacidade que a religião tem de fornecer em certos suprimentos para a perspectiva do mundo e da experiência. Em segundo lugar, a sua capacidade de anunciar e manter os valores morais. Em terceiro, a sua competência para unir as sociedades em sustentar sua estruturas e finalmente sua competência para fornecer aos indivíduos experiências e estímulos específicos. A religião deve estar ligada à cosmologia onde é gerada uma concepção da Natureza e do Universo e do lugar que nele o homem ocupa, devido o homem experimentar sua necessidade de revitalizar os riscos e desastres a que a vida humana está sujeita em consequência da ação de forças naturais.

O Universo consistirá em algo maior do que percebemos pela evidência dos sentidos. O homem parece experimentar a necessidade de uma renovada confiança a respeito de problemas vastos e indefinidos e a capacidade da religião de fornecer certas respostas para o mundo da experiência. A necessidade maior do homem surge na hora da morte, onde a expectativa é maior do que o próprio fim inevitável. Não é por acidente que todas as religiões se preocupam demasiadamente com a morte e a salvação da alma. Todas as religiões de modo geral possuem rituais para o recolhimento dos mortos<sup>6</sup> proporcionando meios de assinalar de forma social e psicologicamente de forma aceitável, a transição do corpo humano. de uma pessoa viva, para uma peça de carne e ossos em estado de decomposição o qual convém remover de um modo higiênico. A maioria possui crença a respeito da continuação da personalidade, porquanto, o homem se chocaria de um modo insuportável com o fato do fim absoluto. Com isso, surgem as crenças em espíritos, em fantasmas e no mundo das almas que deve por bem ser encaixado na concepção da natureza do Universo.

A religião tem a preocupação de ensinar o homem um visão do Universo que forneça respostas às questões como a origem da formação da personalidade e da natureza da morte. Contudo, ela fornece uma respostas não com ênfase intelectual, mas religiosa, porque não é ciência; o que se busca é responder algo que a algo que seja realmente útil aos homens em períodos de tensão e angústia.

A religião pode preocupar-se em uma Segunda instância com a moral na vida humana. O cristianismo e o Islamismo, herdeiros da tradição judáica, situam-se num extremo ao vincularem moral e fé. O decálogo que constitui a base da moral pode ser desenvolvido no direito secular, entretanto, é considerado como revelação de Deus: Existem crença para a punição dos pecados e recompensa no cumprimento das virtudes. O budismo também é uma religião de grande força ética. As prescrições do virtuoso príncipe Gautama para a boa conduta são acompanhadas de promessas para aqueles que a cumprem, a paz interior e a liberdade reina no coração destes<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002. Introdução.

<sup>7</sup> Como Religião filosófica, o budismo não apresenta crenças em espíritos ou deuses, nem prescreve qualquer tipo de ritual ou sacrifício.

Nas religiões africanas tradicionais, não há ligação entre religião e vida moral. Ações boas resultam do dever com seus parentes, fundamenta-se no sistema de parentescos em vez de pensar em sanções de deuses ou espíritos. Em outras religiões é mais complexa a ligação da fé com a moral. Religiões da Grécia e Roma antiga ou crenças tradicionais de povos do Noroeste Europeu, possuem deuses bons e maus; Surgem Mitos a fim de ensinarem o homem o que lhe é permitido. No Hinduísmo, a relação de crença e moralidade é Intrincada. Os deuses incluem um destruidor e um criador; de modo que todos os aspectos do universo e da vida humana são personalizados. A crença sobre recompensas e punições na forma de reencarnação numa casta superior ou inferior, entretanto a moralidade que é prescrita não é aplicada a todos os homens. Cada casta deve obedecer às suas regras sendo que o que é bom para uma casta de Hindus pode não sê-lo para outra. Portanto é certo concluir que embora a religião tenha uma função moral, nem todas as religiões a possuem.

Compete também à religião unir as sociedades e sustentar suas estruturas. Seu papel maior é provocar e sustentar a solidariedade social. O socialista Durkheim, em sua análise a respeito deste aspecto da religião, sugere que o deus neste caso é o grupo. Quando um grupo se reúne para adorar um deus, o quem concebem como um ser superior, os membros do grupo estão fortalecendo os vínculos que os unem numa unidade social. Os rituais empregam os festim e outros recursos para simbolizar os valores para a reafirmação solidária no grupo.

Como última competência cabe à religião fornecer aos indivíduos experiência e estimulações específicas resultando no que diríamos de uma psicologia individual. Estudos de sociólogos mostram que as pessoas que passam por uma experiência religiosa definitiva de conversão a qual ocorre na adolescência. Entretanto, nos países ocidentais a adolescência é a idade das dúvidas religiosas. A atividade religiosa declina de forma invariável até os primeiros anos da vida adulta, porém aos trinta anos é retomada. Concluimos que há uma relação sistematicamente negativa entre inteligência e fé.<sup>8</sup>

### **Formas de organização religiosa**

Qualquer religião institucionalizada deve prescrever coisas definidas a serem realizadas com regularidade e em ocasiões especiais que se relacionam à vida e à necessidade das pessoas. Temos dois tipos de religião: Étnica ou regional e as religiões Universais. Aquelas têm como características a relação com o modo de vida das pessoas. Estão associadas a tribos ou grupos que compartilham rituais de culturas e economias conforme a ansiedade predominante. Já as universais são as grandes religiões do mundo. Iniciam com movimentos revelados ou proféticos, tendo seus seguidores espalhados para além das fronteiras de culturas, línguas ou nações. As religiões mundiais independem do

---

<sup>8</sup> GOLDTHORPE, 1977, p. 227.

tempo e lugar diferentemente da religião étnica que se prende à cultura em particular. O cristianismo, Islamismo e Budismo estão incluídos entre as religiões mundiais. Numa posição intermediária estão o Hinduísmo e o Judaísmo, os quais possuem grandes atributos das religiões Universais.

É normal a sociologia usar o termo Igreja quando o sistema de crença e de prática uni toda comunidade. Segundo Max Weber, é comum esse uso sociológico distinguindo uma Igreja de uma Seita, sendo esta entendida como um grupo minoritário dissidente. A sociologia também faz um terceira distinção conhecida como denominação ou confissão. Enquanto uma igreja recruta seus membros por nascimento e uma seita por conversão, uma denominação o faz de ambas maneiras. A tradição familiar tem papel importante de ensinamento com os jovens que reafirmam sua fé por meio de ato de escolha positiva nas denominações. O termo denominação é aplicado, portanto, aos grupos que eram em sua origem seitas e que têm se consolidado tornaram-se semelhantes à Igreja.

A sociologia também considera as grandes organizações religiosas internacionais que têm o caráter de seita em um lugar, de Igreja em outro e de uma denominação em um terceiro. Temos a Igreja Católica, como exemplo, é Igreja na Itália, uma denominação nos Estados Unidos; entretanto, é um só corpo que deve obediência a uma só cabeça. Assim também o judaísmo, que é uma Igreja em Israel e uma denominação no resto do mundo. A sociologia também distingue uma classe de movimento com significados diferentes: nativistas, messiânicos ou milenaristas. Resumimos estas considerações onde cumpre distinguir as organizações religiosas em numerosos pontos de uma escala, partindo das Igrejas Universais, como o Islã e a Igreja Católica Romana, até os cultos, denominações e seitas.

## Religião e formação do mundo

A construção do mundo é empreendida através da sociedade. A religião tem papel eficaz neste empreendimento. A sociedade, sendo um produto humano, é um fenômeno dialético. O homem deriva da sociedade e não há realidade social sem a presença dele. Independentemente o homem existe na sociedade. O fenômeno dialético<sup>9</sup> envolve três passos: exteriorização onde o homem está envolvido em todos os aspectos do mundo, a objetivação é a conquista da atividade física e mental do homem onde esse cria produtos e interiorização é a reapropriação da realidade da parte dos homens transformando as estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva.

---

<sup>9</sup> Weber e Durkheim desenvolveram uma síntese teórica das abordagens sociológicas da compreensão dialética do homem. Weber tem uma compreensão da realidade social como sendo continuamente constituída por significação humana, e Durkheim a considera com tendo caráter de Chseité contra o indivíduo; ambas estão corretas. Vistam o fundamento subjetivo e a facticidade objetiva do fenômeno social. BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 16.

Através da exteriorização o homem se torna um produto da sociedade. Ela é uma necessidade antropológica onde o ser humano não pode ser concebido isolado em si mesmo; o homem é exteriorizante e por essência desde o início. Esse fato antropológico de raiz, com muita probabilidade, se funda na constituição biológica do homem que diferente dos outros mamíferos, ao nascer surge inacabado. Devido a esta constituição, o mundo do homem é imperfeitamente programado, é um mundo aberto que deve ser modelado pela própria atividade do homem. Este não possui uma relação pré-estabelecida com o Cosmo; a mesma instabilidade assinala a relação do homem com seu próprio corpo. O homem se vê fora de seu centro e desarmonificado. Em outras palavras o homem não produz o mundo e não produz a si próprio. Biologicamente, privado de um mundo próprio, constrói um mundo humano, sendo este mundo a sua cultura.

A cultura se torna a segunda natureza do homem que produz instrumento de toda a espécie imaginável, modificando tudo o que quer à sua volta. A sociedade é, portanto não só resultado da cultura, mas uma condição necessária. Com apenas um elemento da cultura a sociedade compartilha do caráter desta como produto humano. A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação. O mundo humanamente produzido permanece independente do querer doas homens. Embora toda cultura origine e erradica na consciência subjetiva dos seres humanos, uma vez criada, não pode ser reabsorvida a vontade da consciência. Em outras palavras, o mundo atinge o caráter de realidade objetiva. Esta objetividade caracteriza os elementos não materiais da cultura. O homem cria uma língua e descobre que sua fala e seu pensamento são dominados por sua gramática. Ele produz valores e se sente culpado quando os transgride.

A cultura é objetiva por se defrontar ao homem com o conjunto de objetos do mundo real fora da sua consciência. Ela também é objetiva por ser experimentada e apreendida em companhia, os objetos da cultura podem ser compartilhados com outros.

### **Considerações Finais**

A religião consiste num sistema de crenças e práticas no qual, as pessoas agem de certos modos devido à crença em algumas coisas e não o inverso. Portanto, não podemos deixar de examinar as crenças religiosas do tratamento sociológico da questão, no entanto devemos ter em mente que a verdade ou não das crenças religiosas não é matéria de análise sociológica. O que é sociologicamente importante não é a verdade ou falsidade da crença, mas as suas consequências sociais.

### **Referências**

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GOLDTHORPE, J. E. *Sociologia e Antropologia Social: Uma Introdução*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. 195 p.

[Recebido em: março de 2014

Aceito em: agosto de 2014]